



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
POR OCASIÃO DA CIMEIRA MUNDIAL 2014
“PAZ, SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO HUMANO”**

Seul, Coreia do Sul
10 de Agosto de 2014



Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Díli, Timor-Leste

Suas Excelências, Chefes de Estado e de Governo
Suas Excelências Chefes de Delegações
Suas Excelências, Primeiras Damas

Distintos líderes da UPF
Dr. Charles Yang, Chairman
Dr. Thomas Walsh, Presidente
Sr. Tageldin Hamad, Secretário-Geral

Senhoras e Senhores,

Quero, em primeiro lugar, agradecer o convite para participar, pelo segundo ano consecutivo nesta Cimeira Mundial.

Congratulo a Federação de Paz Universal, pela sua fé e tenacidade e particularmente a *Mother Moon* pelo seu empenho e o *Father Moon* pelo seu legado, em manter na agenda de tantos líderes internacionais aqui representados temas que, infelizmente, continuam a merecer a apreensão geral. Acredito que os testemunhos de tão ilustres participantes poderão contribuir para aumentar a consciencialização dos problemas mundiais que afligem a humanidade.

A paz, a segurança e o desenvolvimento humano para todos os países e para todos os povos do mundo, neste momento, não constituem mais do que uma miragem, isto porque nem sequer é ainda um sonho ou uma aspiração legítima.

E se nestes encontros, não podemos encontrar soluções para todos os problemas do mundo; se não podemos de imediato aliviar o sofrimento das vítimas do terror da guerra, da indigência e dos inúmeros maus tratos de um mundo conturbado - onde os valores morais estão subjugados a interesses económicos de uma minoria de poderosos - podemos, pelo menos, continuar atentos e tentar agitar a consciência colectiva, trazendo as nossas experiências, as nossas visões e, com ousadia, a nossa manifesta vontade de alterar a ordem mundial, para que o primado da Pessoa Humana esteja no centro da agenda política das decisões da liderança global.

Senhoras e senhores,

Represento um país pequeno que sofreu, como tantos outros, com as atrocidades praticadas durante séculos na evolução de acontecimentos históricos que nos trouxe aos dias de hoje.

Timor-Leste tornou-se independente a 20 de Maio de 2002, depois de 24 anos de luta difícil. E como país recém-saído de um prolongado conflito, com a Indonésia e entre nós próprios timorenses, decidimos pela via do diálogo, da tolerância e da reconciliação.

Sabíamos que todo o nosso povo queria viver em paz, porque a paz é a única condição em que nos sentimos livres. Imediatamente após o fim da guerra, começámos um processo difícil e demorado para conseguir uma verdadeira reconciliação na

sociedade timorense. Este processo levou à criação da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação, onde todas as vítimas da repressão puderam testemunhar sem medo.

Todos os testemunhos de violações dos direitos humanos estão agora selados e seguros no escritório da referida Comissão, que produziu um relatório que foi intitulado 'Basta!'. 'Basta' é uma palavra forte que vai lembrar a todos o compromisso de toda a sociedade para não repetir o conflito do passado, para o bem do povo timorense.

Na sequência deste relatório, acreditávamos que poderíamos ir além das nossas fronteiras e, graças à boa vontade dos líderes da Indonésia, os dois Estados estabeleceram uma Comissão de Verdade e Amizade. Durante dois anos, uma equipa conjunta trabalhou arduamente para ouvir todas as testemunhas e os possíveis autores das violações dos direitos humanos. O relatório final foi assinado pelos Chefes de Estado e de Governo dos dois países, pondo fim ao passado doloroso, com um acordo solene que os timorenses e indonésios nunca mais serão prejudicados.

Tenho que dizer que para defender esta política de reconciliação, tivemos que lutar contra a pressão da comunidade internacional que exigiam julgamentos no Tribunal Internacional de Justiça, de acordo com o princípio de "não à impunidade", para os "autores de crimes contra a humanidade".

Nós lutamos contra esta hipocrisia da mentalidade dos líderes mundiais que, ainda hoje, estão a apoiar outros conflitos e guerras, sem qualquer senso de responsabilidade, assim como eles próprios apoiaram a guerra em Timor-Leste.

Ambos, Timor-Leste e a Indonésia, quiseram abrir o caminho para a verdadeira e genuína reconciliação e tolerância entre as comunidades e as pessoas, em vez de alimentar o ódio e a vingança que só iria destruir o país e impedir os esforços da população em melhorar as suas condições de vida.

Como resultado desta política prospectiva, a Indonésia e Timor-Leste beneficiam agora de um relacionamento sólido entre as pessoas e entre os Estados, com base na cooperação, amizade e uma visão colectiva para o futuro.

Hoje, Timor-Leste é uma história de sucesso de desenvolvimento, graças à determinação do nosso povo e ao apoio dos nossos amigos internacionais. Timor-Leste estabeleceu uma democracia vibrante e livre, uma sociedade tolerante e pacífica e as bases para um crescimento económico sustentável e progresso do desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, testemunhámos a transição espectacular da nossa vizinha Indonésia, de um regime autocrático para uma democracia sólida, com uma economia emergente e uma sociedade pluralista e tolerante, país este que veio a tornar-se um dos principais parceiros de desenvolvimento de Timor-Leste.

A Indonésia mais de que um vizinho próximo é uma inspiração para a nossa Nação. Sob a liderança sábia de Sua Excelência Susilo Bambang Yudhoyono, assistimos à construção de uma democracia moderna, que concilia o progresso com a promoção da paz a nível nacional, mas também regional e internacional. Desejamos também que a sucessão pacífica para o Presidente Joko Widodo traga o sucesso para esta grande Nação.

Senhoras e senhores,

No fim do milénio, enquanto nós timorenses decidíamos o nosso próprio futuro, proclamava-se no mundo o fim da guerra fria, as vantagens da globalização e da revolução tecnológica e das comunicações.

Estamos agora nas vésperas do ano de 2015 e nenhum dos *Least Development Countries*, essencialmente os países frágeis e afectados por conflitos, vai atingir um único objectivo de desenvolvimento do milénio.

Em vez disso, em alguns países da África, abusos, atentados, guerras e assassinatos são as notícias diárias que alimentam a fome, aumentam a pobreza e suportam a persistência de todos os tipos de privação.

Nós continuamos a assistir, impotentes, enquanto as lágrimas do Médio Oriente se destacam como resultado da violência sectária sem fim e as disputas que se arrastam à demasiado tempo. Assistimos a cenas de horror e de morte, bem como a confrontos sangrentos na Síria, no Iraque, no Afeganistão e, muito recentemente, na Ucrânia.

Vemos também a Líbia a mergulhar num caos cada vez mais profundo – onde não bastando a calamidade de perda de vidas humanas, junta-se agora o risco de um desastre ambiental. Por toda a região vemos fragilidade e conflito, fazendo com que ninguém consiga antever o futuro. As grandes esperanças da Primavera Árabe transformaram-se num inferno onde ardem sobretudo os inocentes.

Foi com incredulidade e profunda tristeza que fomos confrontados com os acontecimentos em Israel e Gaza, no desespero de uma paz que permanece incerta. Sua Excelência, o Presidente da Indonésia, escreveu uma carta aberta aos líderes mundiais e peça-lhes que me permitam ler um parágrafo do Dr. Susilo Bambang Yudhoyono:

“Apesar de eu ser muçulmano, entendo que este conflito não é um conflito religioso. Não associo os meus pensamentos e súplicas ao Islamismo, Judaísmo, Catolicismo, Cristianismo ou a qualquer outra fé ou crença religiosa. Os problemas que estamos a enfrentar estão relacionados com questões de humanidade, moralidade, lei, e ética de guerra, assim como acções de qualquer um dos lados que já foram muito mais além daquilo que é aceitável. Esta tragédia humanitária, esta insustentável miséria humana, são também atribuídas ao senso de responsabilidade por parte dos líderes, que directamente ou indirectamente fizeram desta tragédia humana um problema que se arrasta.”

E, no entanto, não existe uma única “causa” neste mundo que justifique o massacre de civis inocentes, de mulheres e de crianças. Nem pode a ameaça das chamadas "armas de destruição em massa no Iraque" justificar a guerra sem fim que destruiu aquele país, e que agora está a dirigir-se para a auto-mutilação fatal.

Em nome de "valores universais" e "princípios morais", os decisores mundiais escolheram a guerra para impor a democracia, provocando conflitos para ensinar os direitos humanos. E parece que o mundo está-se a preparar como uma manobra de diversão da tragédia na prestação de assistência humanitária. Entre biliões de dólares gastos para sustentar a guerra, e milhões de dólares gastos nas necessidades de emergência para resolver temporariamente os problemas dos refugiados, o Mundo evita olhar profundamente para as raízes dos problemas.

A desigualdade, a exclusão, a doença, a fome e a pobreza, todos estes estimulam a raiva, o desespero e a revolta, o que contribui para a intolerância e para comportamentos radicais em relação aos outros e ao extremismo de ações por indivíduos que buscam alcançar os sentimentos de compensação psicológica, de acordo com o seu sentimento de injustiça.

Senhoras e senhores,

Se a paz não significa necessariamente a ausência de guerra, a segurança certamente não pode significar um exército forte e bem equipado, pronto para ser mobilizado em qualquer canto do planeta.

Segurança, para cada pessoa e para cada país, vem da sensação de um ambiente social pacífico, a segurança significa uma atmosfera política estável e tolerante e segurança significa ainda um sentimento de liberdade enquanto resultado de uma boa cooperação regional e internacional.

E se na nossa região, incluindo no âmbito da ASEAN, existe actualmente uma forte cooperação e promoção da paz – o que tem permitido a ascensão da região Asiática, liderada pela China, e com esta a retirada de centenas de milhões de pessoas da pobreza - não podemos deixar de ficar preocupados com a agitação das águas no leste e sul do mar da China.

Acabei de vir da 70ª Sessão da Comissão Económica e Social das Nações Unidas para a Ásia e Pacífico (ESCAP), em Bangucoque, em que os debates se focaram sobretudo nas formas possíveis para reduzir as desigualdades na região da Ásia-Pacífico. E eu continuo a apelar a todas as partes para o encontro de soluções benéficas por meio do diálogo, em vez de aumentar as probabilidades de ganhar através de crescentes tensões. A Ásia-Pacífico é uma grande região, onde cada pessoa procura a paz e segurança para se desenvolver a si mesmo, a sua família, a sua comunidade, o seu país e, conseqüentemente, toda a região.

Excelências

Senhoras e Senhores,

Antes de terminar, gostaria de partilhar convosco que Timor-Leste tem trabalhado arduamente no âmbito do grupo g7+ que reúne 20 países frágeis e afectados por conflitos. Além da partilha de experiências e conhecimentos que visam colocar as necessidades destes países na agenda de desenvolvimento mundial, não nos cansamos de repetir que sem Paz não há lugar para o desenvolvimento.

Infelizmente os palcos de guerra são lugares comuns no tecido mundial. Muitas vezes o uso indevido da violência armada ou o isolamento dos países, através de sanções internacionais, são os instrumentos usados para a suposta instauração de valores universais e da democracia. No entanto, a morte, a destruição, a miséria e o isolamento não constroem democracias, nem erguem Nações.

E no desequilíbrio do sistema multipolar dos dias de hoje, as crises podem assumir desfechos imprevisíveis!

O espírito de solidariedade e cooperação é o que deve imperar no mundo. Se hoje Timor-Leste é um caso de sucesso, um país pacífico e em franco crescimento, deve-se também a todo o apoio internacional que recolhemos quer na fase final da causa pela independência quer sobretudo nos nossos primeiros anos de construção do Estado.

No fundo, senhoras e senhores, é triste reconhecer que o homem hoje em dia pode realizar feitos inimagináveis com o avanço do saber e da tecnologia, mas ainda não consegue fazer a simples viagem ao âmago de si mesmo para procurar a paz!

A nossa campanha não deveria continuar a ser 'eu sou contra a guerra ', porque isso vai conduzir-nos para tentar acabar com a guerra, independentemente das suas consequências. A nossa campanha deve ser 'eu sou pela paz ', porque a paz não significa o fim de uma guerra ou a ausência de guerra; a paz significa paz de espírito, a paz no comportamento social, a paz na solidariedade das comunidades, a paz no ambiente político e a paz nas relações entre as pessoas e entre as nações.

Precisamos de um mundo de paz!
Muito obrigado.

10 de Agosto de 2014
Kay Rala Xanana Gusmão